

Institute for Christian Teaching
Department of Education
General Conference of Seventh-day Adventists

Paralelo entre Socialismo y Cristianismo
na Transformação Social:
Uma Contribuição para a Formação de uma Perspectiva Adventista

Por
Jael Enéas de Araújo
Diretor de Educação
Associação Espírito-Santense
Vitória, ES (Brasil)

Preparado para
The Integration of Faith and Learning Seminar
realizado no
Instituto Adventista de Ensino – São Paulo
Julho de 1994

Resumo

O presente ensaio, propõe fazer reflexões iniciais sobre a questão da transformação social, vista pelos pressupostos das teorias materialistas, com destaque especial para o marxismo, relacionando-as com os fundamentos defendidos pelo cristianismo. A importância do texto, está no fato de que, mesmo depois da queda dos muros de Berlim, no fim dos anos 80, o socialismo não se considera morto. Acha-se em crise, porém, no momento, busca eixos teóricos para a causa do igualitarismo, mediante a mudança social. Por ser um tema amplo e dialético, a abordagem será feita a partir do exame das limitações entre a filosofia e a ciência, buscando compreender tanto sua importância, quanto a natureza e a essência destas duas formas de conhecimento. O método adotado foi o descritivo, com base na revisão bibliográfica, entendendo que para esclarecer esta questão, sob uma ótica adventista do sétimo dia, valeu-se da perspectiva bíblica-cristã e dos escritos de Ellen White. Como resultado, verificou-se que a questão é atual e, no contexto da integração fé & ensino, impõe-se como fundamental. Concluindo, a proposta socialista de transformação da sociedade passa pela reflexão crítica, incluindo até ações revolucionárias marxistas, em oposição, à fé cristã que fundamenta a mudança da sociedade na intervenção divina na realidade humana.

Introdução

Do pós-guerra de 1945, até a queda dos muros de Berlim, em novembro de 1989, o mundo foi cindido por duas ideologias, que influenciaram não somente a produção científica e filosófica, mas também, o cotidiano das pessoas. Termos como “de esquerda” ou “de direita”, direcionavam a economia, a política e a tecnologia. Nos debates acadêmicos, expressões como “bloco socialista”, reação “terceiro-mundista”, ou mesmo, “imperialismo do capital”, dominavam a produção acadêmica, a mídia e a produção cultural, tanto das potências soviéticas, como das ocidentais.

Para os socialistas, a defesa de posturas críticas da sociedade, com base na historicidade do *fazer* humano, era a forma mais racional de promover a igualdade social, atitude filosófica compartilhada também por pensadores da linha marxista. A questão da transformação social, para esses pensadores, devia acontecer rompendo-se com o poder econômico, e para isto, o uso da força era considerado um recurso válido e legítimo.

Porém, o rápido desencadeamento de importantes fatos históricos, incluindo a desintegração do império soviético, tem levado muitos autores a acreditar que o sonho de uma sociedade igualitária, não acabou. Autores como Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins compreendem que a utopia proposta pelas teorias socialistas, “devem se subordinar à dialética da teoria e da prática, pois toda construção teórica deve ser vista como um processo dinâmico e histórico”.¹ É preciso submeter a concepção socialista ao crivo de suas próprias convicções. Entendem, que a sociedade pode ser transformada por uma ação humana, circunscrita na história e mediada pela racionalidade, “até porque,

a exploração do trabalho e as contradições do capitalismo ainda são vistas e sentidas socialmente”. (Ibidem)

Portanto, pretende-se com este ensaio, demonstrar que é possível oferecer uma outra leitura para a transformação social, através da integração entre a fé e o ensino, não como uma impossibilidade acadêmica, mas, como uma contribuição.

Todavia, exigir-se-á do professor adventista, disposição mental, sensibilidade espiritual e dependência divina, ao buscar estabelecer a diferença entre a educação que transforma a sociedade, sob influência do Espírito Santo e a educação que, construída sob a inspiração teórica de gênese materialista, apenas revoluciona, sem contudo levar aos resultados desejados. Esta última, a faz na história numa dimensão horizontal e na linha do tempo; aquela, também a faz na história, porém, numa perspectiva histórica onde Deus intervém na realidade, com a missão de soerguer a criação ao seu estado original.

Não há limites para o poder de Deus. Ele dá ao homem a capacidade não só de conhecer, mas também de ser um agente de transformação, quando ligado à verdadeira fonte do conhecimento. Basta apenas pedir com fé, pois “a todos dá liberalmente”. (Tg. 1: 5).

Questões Fundamentais

A priori, torna-se necessário verificar as relações existentes entre a filosofia e a ciência, no sentido de apreender a natureza destas duas formas de conhecimento e como estas duas categorias epistemológicas são influenciadas e influenciam a concepção de transformação social.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a busca do conhecimento faz parte da própria essência do homem, enquanto ser pensante. O homem vê e quer saber; olha e quer entender. Esta necessidade por conhecer, compreender e interpretar as coisas, causa-lhe angústia, principalmente, porque percebe a falta de equilíbrio no mundo natural e social que o cerca, profundamente alterado pela ação do pecado. Tudo o que aqui existe, inclusive o homem, se acha ameaçado pela fragilização, dualismo, conflito, entropia e morte.

Desta forma, toda a realização humana está sob o signo da imperfeição, não excluindo sua filosofia e sua ciência. O *pensar* e o *fazer* científicos se acham marcados pelos signos da incompletude e temporalidade.

A propósito das marcas de limitações que perpassam o conhecimento científico-filosófico, leva o doutor Pedro Demo, reconhecido pensador brasileiro, a afirmar que o “conceito de ciência depende da nossa concepção de realidade...”, por isso, a racionalidade se torna, “...volúvel, mutável, contraditória, nunca acabada, um vir-a-ser”.²

Mesmo considerando estes determinantes é inegável a contribuição da ciência e da filosofia. Enquanto os filósofos procuram ultrapassar a experiência vulgar, com intuito de encontrar as razões mais transcendententes, os cientistas, por sua vez, desdobram o universo em milhares de segmentos, não para dizer o que é o ser, mas, para saber como cada coisa é. Em outras palavras, a atitude filosófica racional se caracteriza pela premissa de que o homem precisa pensar; e a científica de que o homem precisa experimentar. O primeiro pensa para saber o que é; e o segundo para saber como é.

O educador cristão que aceita o conhecimento revelado na Palavra de Deus e passou pela experiência do novo nascimento através do batismo, anda em novidade de vida (Romanos 6:4), e como consequência, busca as coisas que são de cima, porque sua vida está escondida em Cristo. (Colossenses 3:1-3). Isto remete ao tema da transformação, situando-o para além de uma postura meramente reflexiva, baseada na *reflexão-ação-reflexão*, mas, coloca-o como um processo exógeno e sobrenatural. Além de reconhecer a inequívoca contribuição que a ciência, como a busca das causas imediatas, e a filosofia das causas últimas, mesmo assim é preciso perguntar a filosofia se reconhece a Deus como razão ontológica do universo, uma vez que a filosofia é uma reflexão sobre o todo, inclusive sobre as ciências.

Uma filosofia que parte do homem e se volta para o próprio homem, corre o risco de não conseguir alcançar de forma plena, a razão das coisas e suas verdadeiras causas. Por isso, o doutor E. Cadwallader, divide a filosofia, afirmando que “existem duas filosofias: a falsa que se baseia unicamente em conjecturas de homens e a verdadeira, que se baseia nAquele que é a Verdade”.³ Sem aceitar a Deus como Redentor e Criador de todas as coisas, nega-se a possibilidade de se oferecer uma filosofia que transcende o superficial e o aparente. Este fato apóia-se na epistemologia bíblica, de que só se conhece verdadeiramente, quando Deus se revela ao homem.

A limitação humana de se ver as coisas globalmente, reduz-lhe a visão de mundo a uma perspectiva qualquer, e isto, explica do porque da inexatidão, subjetividade, contingência, superficialidade e valoração como características que condicionam, delimitam e demarcam as várias formas de conhecimento, seja o de senso comum, o de gênese filosófica, ou mesmo, o de natureza científica.

Deste ponto de vista, a epistemologia que parte da perspectiva material é colocada numa dimensão apenas linear. O homem busca o conhecimento, mas o verdadeiro conhecimento só se dá na medida em que Deus se revela ao homem através da natureza, sobretudo através de Seu Filho e Sua Palavra.

Há de se considerar que para a plena compreensão do fenômeno, existe uma categoria importante: a da fé. Sem esta categoria não haveria construção científica, porque fazer ciência, especialmente ciência social, é preciso exercer fé nos postulados e nas proposições teóricas, já que toda teoria está sob júdice. Suas teses e postulados só são inquestionáveis até que se encontre uma formulação teórica melhor, explicando aquele fenômeno de forma mais racional, a luz dos paradigmas construídos e aceitos pela ciência. Portanto, a irrefutabilidade teórica é uma eterna busca: um eterno vir-a-ser.

Mesmo que a grande maioria dos autores naturalistas esteja negando a razão da fé, Soren Kierkegaard, filósofo dinamarquês existencialista, afirmou que a fé é um absurdo, contudo “é o único objeto em que se pode acreditar”.⁴

A definição bíblica fundamenta que a fé “é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem”.(Hebreus 11: 1). O princípio do verdadeiro conhecimento é aceitar, pela fé, que tudo que aqui existe foi criado por Deus. (Colossenses 1: 16, 17). A “criação e o cristianismo têm um só Deus”.⁵

Portanto, a fé é o vetor epistemológico que nos leva ao entendimento do verdadeiro conhecimento. “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11: 6), na medida em que o “verdadeiro conhecimento vem de Deus e para Deus se volve”.⁶

A Historicidade como Razão Materialista do Socialismo

Por que há ricos e pobres? Como justificar a morte de milhares de crianças por doenças endêmicas, enquanto, por contraste, se verifica os grandes avanços na medicina. Tem os grandes desequilíbrios sociais explicação à luz da ciência? Pelas teorias marxistas e socialistas pode-se visualizar a transformação social para viver-se o igualitarismo, porém, isto é realmente possível levando em conta a natureza humana?

Antes que se apresentem possíveis respostas às perguntas acima, torna-se necessário retomar alguns conceitos já resenhados anteriormente.

Primeiro, toda teoria está sob juízo porque a ciência é um eterno vir-a-ser;

Segundo, o conceito de ciência depende essencialmente de nossa concepção de realidade;

Terceiro, os materialistas apóiam-se nas conclusões da ciência para explicar o mundo e o homem, portanto, a transformação social. Para tanto, colocam a matéria como o princípio primeiro em detrimento da essência, excluindo a possibilidade de intervenção divina. Estes conceitos se tornarão fundamentais para se compreender a proposta marxista de transformação social, sob ótica cristã.

Vejamos outras premissas da filosofia: a) Existem várias correntes filosóficas que tentam explicar a sociedade;

b) Uma determinada formulação teórica não é a última palavra para a explicação de um fenômeno social;

c) Não se pode olhar a sociedade sem levar em conta a “crosta ideológica” que a envolve;

d) Os materialistas não admitem intervenção metafísica no mundo natural e social; e

e) Os marxistas pretendem transformar a sociedade a partir da negação do trabalho alienado, sem considerar que isto é uma impossibilidade, enquanto não se mudar a natureza humana.

Ao Karl Marx propor uma doutrina que revolucionou o pensamento filosófico, na década de 1840, pelas conotações políticas explícitas em suas idéias, principalmente, após conhecer Friedrich Engels, ele o fez do ponto de vista puramente econômico. Mais tarde, Vladimir Lênin propõe uma prática revolucionária mais intensa, através de uma moldura teórica em que valorizava a superação, porém, foram outros pensadores como Gramsci, Althusser, Habermas, que avançam a discussão marxista, revendo o conceito de estado e de história com fatores subjacentes a questão da transformação social.

Simplificando, o marxismo se utiliza do “materialismo dialético e do materialismo histórico: o primeiro teoriza a realidade concreta mediante o uso da dialética e suas leis; o segundo interpreta os fenômenos sociais a partir da história e das condições objetivas de existência”⁷, segundo Merleau-Ponty, filósofo fenomenologista.

A razão de existência marxista baseia-se na produção por força da exploração da natureza e do trabalho humano. Entretanto, o trabalho é visto por eles como fator de exploração e alienação. Os educadores cristãos o vêem como uma bênção. Salomão assevera que “em todo trabalho há proveito”, (Provérbios 14:23) e incentiva os jovens estudar a natureza e aprender com os animais como eles tiram proveito do trabalho organizado.

O pecado alterou o valor do trabalho: “na criação, o trabalho foi designado como uma benção. Significa desenvolvimento, poder, felicidade. A mudada condição da Terra em virtude da maldição do pecado, acarretou uma mudança nas condições de trabalho”.⁸

As contradições sociais, fome, guerras, assim, como a usura e o egoísmo que alimentam as lutas de classe, decorre fundamentalmente das condições espirituais do próprio homem e de sua natureza decaída (Romanos 3: 9-18) que necessita do Espírito Santo (São João 16: 7, 8) para entender e aceitar o ministério da reconciliação (II Coríntios 5: 18). O pecado destruiu o mundo tornando o homem “mal continuamente”. (Provérbios 1: 16).

A Transformação Social: Realidade ou Utopia

Com o intuito de se estabelecer um paralelo entre a visão marxista e a cristã quanto a transformação da sociedade, a seguir, alguns conceitos.

“O papel da escolarização na estratégia gramsciana é a produção de intelectuais que darão ao partido revolucionário, pensadores organizadores com uma concepção consciente do mundo que transcenda seus interesses de classe”.⁹

“A verdadeira educação é o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro”.¹⁰

Duas distintas visões: na primeira, a ação educativa parte do homem para o próprio homem; na segunda, oportuniza ver a ação salvífica em Cristo através do Espírito Santo ao desenvolver o homem por completo, prevendo uma superação escatológica na ação educativa.

Todo processo de transformação inicia-se pela mente e, por esta razão, a maior batalha é por seu controle. O apóstolo Paulo adverte que “nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas, sim ... contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais”. (Efésios 6: 12).

Esta batalha pelo domínio da consciência humana é entendida pelos marxistas como alienação. Friedrich Hegel em “*A Fenomenologia do Espírito*” trata a alienação “como o momento em que o espírito não mais reconhece a sua criação, considerando-a estranha”.¹¹ No fenômeno da alienação, Hegel diz que ocorre a dilaceração da consciência. Já para a Feürbach em a “*A Essência do Cristianismo*” define que a alienação se processa na consciência humana e por isso estranha ou indiferente ao homem histórico, concreto e social.

Antonio Gramsci diz que “o controle da consciência é uma área de luta política...cujo método se fundamenta na guerra hegemônica de posição e na práxis social”.¹² Enquanto os materialistas postulam a transformação social pela revolução e pela ação política, a Bíblia prega a “transformação da mente pela

renovação do entendimento e pela não conformação com este mundo”. (Romanos 12:2; I S. João 2: 15-17).

Baseado nas 4 perguntas de Brian Walsh e Richard Middleton, estabelecer-se-á um paralelo entre a perspectiva marxista e a bíblico-cristã:

Perguntas	Visão Marxista	Visão Bíblica
Quem sou eu?	Proletário, burguês, classe dominante.	Embaixadores de Deus (II Coríntios 5: 20)
Onde estou?	Na base ou superestrutura.	Somos peregrinos (Hebreus 13: 14; Filipenses 3: 20)
O que vai mal?	A sociedade civil e a sociedade política	O homem (Romanos 7: 24) e seu mundo (II Timóteo 3: 1-16)
Qual a solução?	Pela práxis social através da luta de classe, via política.	Pela intervenção divina na história (Apocalipse 21: 4)

Portanto, no marxismo, bem como nos autores do socialismo crítico, a transformação social se verifica de forma linear, apoiada na perspectiva histórica *do* homem e *para* o homem; em marcante contraste com a cosmovisão cristã, aonde a base soteriológica vem de Deus para o homem, consubstanciada em Seu Filho como o caminho, a verdade e a vida. (São João 14:6).

É possível, também, perceber um desenho metodológico de transformação social, ao se considerar as dimensões históricas, destino e *status* do homem no quadro sinóptico acima. Os cristãos defendem a mudança social, como um processo que acontece em primeiro lugar, na pessoa, pela intervenção do Espírito Santo; e, depois, de transformada em Cristo, a pessoa passa a agir na

sociedade de forma responsável, ao partilhar novos valores que refletem a cruz de Cristo. Na visão materialista o processo de transformação tem foco na estrutura, no estado e no preparo de intelectuais orgânicos, que na concepção de Antonio Gramsci (1891-1937) são pessoas que, pertencendo à classe dominante, assumem os valores das classes populares para livrá-las da dependência.

Ainda, é possível verificar na ótica cristã, o sentido de verticalidade do processo. Da condição marxista de proletário ou burguês, o homem ganha um novo *status quo*, ascendendo para uma posição milagrosamente superior, a de embaixador de Deus. Um milagre, ainda maior, ocorre quando o homem professa fé no sacrifício de Cristo e submete-se a guia do Espírito Santo: torna-se filho de Deus, além de receber a herança da vida eterna, mediante a adoção divina. (Romanos 8; 14, 17, 18).

Veja que no contexto materialista o que vai mal é a sociedade civil e a sociedade política, em contraponto com a perspectiva bíblica, onde o pecado é o agente causador de todo o desequilíbrio humano. Para os marxistas, a solução está na práxis social, mediante a luta de classe. Para os cristãos, porém, a mudança social se dará unicamente pela intervenção divina na história, ocasião em que “Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas”. (Apocalipse 21: 4).

Conclusão

Indubitavelmente, a transformação social preconizada pelo cristianismo se opõe a proposta marxista, e, diverge, também, dos autores que repensaram as teorias marxistas, principalmente os “frankfurtianos”, que elaboraram uma teoria

crítica da sociedade, a exemplo de Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Jürgen Habermas, somente para citar alguns. Por uma simples razão: não aceitam a verdade encarnada, na pessoa de Jesus Cristo, como também, não reconhecem que, somente a verdade revelada, possui o poder de transformar homens escravos do pecado, em filhos de Deus, resgatados pelo sangue remidor da cruz. (São João 1:12).

A filosofia e a ciência não têm este poder, porque em seus pressupostos “não consideram a intervenção de Deus e nem O reconhecem como a vida e a luz dos homens”.¹³

A educação socialista também se acha impotente por não aceitar o pecado como questão fundamental da desagregação social, que destrói na “alma humana, tanto o desejo, como a capacidade de conhecer”.¹⁴ “Restaurar o homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado ... é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida”.¹⁵

Os marxistas, como um segmento das teorias socialistas, olham para História como metodologia científica, para “ocupar-se com os feitos dos homens, vitórias nas batalhas e êxito na consecução do poder e da grandeza”.¹⁶ Olhar por este prisma é “perder de vista a atuação de Deus nos negócios dos homens”.¹⁷ “Devemos ver na História o cumprimento da profecia, estudar as operações da Providência nos grandes movimentos reformatórios, e entender o progresso dos acontecimentos ao ver as nações mobilizando-se para o final combate do grande conflito”.¹⁸

A verdadeira superação histórica será quando Cristo, novamente, se manifestar visivelmente, não como um bebê indefeso para uma missão terrestre,

mas, como o Rei dos reis, Senhor dos senhores, para libertar o homem de sua temporalidade, da lei da *causa-e-efeito*, da contingência e da escravidão do pecado. Esta será a maior e mais suprema superação histórica.

Bibliografia

1. ARANHA, Maria L; MARTINS, Maria H. **Filosofando – introdução à filosofia**. 2 ed. São Paulo:Editora Moderna. 1993.
2. DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 1980. p. 29.
3. CADWALLADER. E. M. **Filosofia básica de la educación adventista**. Entre Rios, Argentina: Centro White, 1993. p. 11.
4. BRETALL, Robert. A Kierkegaard. **Anthology**. Princenton: Princenton University Press, 1947. p. 220-221.
5. WHITE, E.G. **Fundamentos da educação cristã**. Santo André: CPB. p. 375.
6. WHITE, E.G. **Conselhos aos pais, professores, estudantes**. 2. ed. Santo André: CPB, 1960. p. 17.
7. MERLEAU-PONTY, R. **Fenomenologia da percepção**. Rio: Freitas Bastos, 1971. p. 51.
8. WHITE, E.G. **Educação**. 3.ed. Santo André: CPB, 1960. p. 214.
9. CARNOY, Martim. **Educação, economia e estado: base e superestrutura, relações e mediações**. São Paulo: Cortez, 1984. p. 27.
10. WHITE, E.G. **Educação**. 3. ed. Santo André: CPB, 1960. p. 214.

11. VASQUEZ, Adolf Sanches. **A Filosofia da práxis**. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981. p.16-25.
12. _____. **A Filosofia da práxis**. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981. Nota 16. p. 13.
13. WHITE, E.G. **Fundamentos da educação cristã**. Santo André: CPB. p. 469.
14. _____. **Educação**. 3. ed. Santo André: CPB, 1960. p. 17.
15. _____. **Educação**. 3. ed. Santo André: CPB, 1960. p. 16.
16. _____. **Fundamentos da educação cristã**. Santo André: CPB. p. 341.
17. _____. **Fundamentos da educação cristã**. Santo André: CPB. p. 341.
18. _____. **Fundamentos da educação cristã**. Santo André: CPB. p. 431.